

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA- ILEEL**

**Glória Maria Nunes Oliveira**

**O HERÓI DA PERIFERIA**

Uma análise do épico no rap contemporâneo

**Uberlândia**  
**2023**

## Literatura Oral

Devido a sua inegável importância e sua tradição, a poesia oral desperta diversas pesquisas acerca de seu funcionamento e relevância. Alguns a enxergam como revelação do ser que a produz, porém neste âmbito muitos diferenciam o intérprete de compositor, uma vez que as duas imagens podem estar atreladas ou não. Sobre a potência da literatura oral, Paul Zumthor (1997) em seu livro *Introdução à Poesia Oral*, relata “Toda poesia aspira a se fazer voz; a se fazer, um dia, ouvir: a capturar o individual incomunicável, numa identificação da mensagem na situação que a engendra, de sorte que ela cumpra um papel estimulador, como um apelo à ação. (p. 169)”. Zumthor afirma que a poesia oral inspira ação pois o objetivo de toda poesia é se fazer voz. Porém, socialmente a literatura oral tem uma história de não aceitação e de menor valoração quando comparada com a escrita.

Desde o início da civilização, a comunicação foi de extrema importância para os humanos, fosse por questões de sobrevivência ou manutenção cultural. E com a origem da escrita, surge a literatura escrita em oposição à literatura oral. Para grande parte das pessoas, até nos dias atuais, essas duas formas de literatura contém julgamento de valor atado a quem as produz. Esse pensamento se relaciona com as utilidades atreladas à literatura. Nesse sentido, Ruth Finnegan em seu texto “O significado da literatura em culturas orais” explica:

Uma função óbvia que tendemos a associar a literatura é a expressão intelectual. Para alguns isso parece inclusive constituir a sua essência. A literatura transmite algumas verdades percebidas e expressas pelo poeta em termos de compreensão para sua audiência - não necessariamente, uma descrição detalhada de um ponto de vista que possa ser compreendido em termos simples, mas como forma de expressão que pode ser reconhecida como tendo sua própria verdade interior. Como disse Aristóteles, no que se refere aos termos que ainda influenciam nossas atitudes em relação à literatura hoje, ela é uma representação da realidade e expressa o que é em sua totalidade. (FINNEGAN, 2006, p. 70-71)

Se a literatura é vista como uma expressão intelectual, a literatura escrita seria o registro dessa intelectualidade que poderia ser provada por meio dos papéis, porém, esse ponto de vista gera o menosprezo por literaturas orais. Ora, um povo que não tem a capacidade de ter registros de seu intelecto, não tem intelecto algum. Essa visão eurocêntrica baseada em julgamento de valor foi utilizada para dizer que sociedades não-letradas não possuíam literatura e, conseqüentemente, tinham o intelecto inferior àquelas que possuíam.

É interessante que mantenhamos em mente que nada no mundo acontece num vácuo, existe uma sociedade e interesses mercadológicos, sociais e culturais que movem e justificam os acontecimentos. No caso da literatura oral e escrita é necessário entender quem eram essas

sociedades não-letradas e o porquê, e para quem, era interessante que fossem vistas como sub-humanas.

Se é assim, é fácil ver como qualquer afirmação de que povos não-letrados não possuem literatura, no sentido que estabelecemos nos leva a uma visão de que o pensamento desses povos é restrito, ligada a isso está a velha imagem do “primitivo” como um ser emocional, próximo da natureza, incapaz de distanciar e ver as coisas de forma intelectual. (FINNEGAN, 2006, p.71)

O conceito “primitivo” foi usado ao longo da história para justificar diversas formas de violência contra minorias sociais, como povos originários e povos africanos. A literatura foi mais uma ferramenta utilizada por essas pessoas para argumentar a favor dessa visão hegemônica de que existem seres superiores e inferiores e que os inferiores devem servir aos superiores pois apenas em contato com eles, a civilização lhes será concedida. No caso da escrita vs. oral é preciso contextualizar que para as sociedades africanas a tradição oral é de extrema importância, é através dela que culturas, pensamentos, crenças, funcionamento social, ligação entre humanos e natureza se realizava, porém o fato de que não possuíam registros dessas tradições, esse fator era utilizado como mais uma justificativa para subjugar-los e colocá-los como um povo que necessita de salvação que será alcançada com a invasão e dizimação europeia.

Sobre a importância da tradição oral para os povos africanos, Elias Justino Bartolomeu Binja em seu texto “Tradição Oral em África: Valores, Movimentos e Resistência”, relata:

Entre os Bantu, a tradição oral não é apenas fonte principal de comunicação cultural, mas é uma cultura própria que distingue o povo, considerando que abarca todos os aspectos da vida. Ela relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida. A tradição oral nas sociedades tradicionais africanas configuram os pilares em que se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, e é por meio dela que se previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura. (BINJA, 2020, p.3)

Ou seja, a tradição oral para os povos africanos era tão importante, senão mais, que a literatura escrita para o mundo ocidental. Nela está o peso da ancestralidade, dos ensinamentos dos seres humanos em relação à natureza, relatando e descrevendo todos os aspectos que compõem a vida humana. Porém, por não haver registro, tal cultura foi menosprezada e subjugada passando pela falsa justificativa de que esse povo sem cultura, intelecto e religião, necessitava ser “salvo”. Ainda sobre a tradição de contar, Zuleide Duarte em seu texto “A Tradição Oral na África - Estudos de sociologia”, salienta:

A ritualização do ato de contar, a reverência que o africano tem pela palavra, o gestual, a interação do narrador com o público ouvinte geram cumplicidade e permitem falar da diferença, reconstruir o velho, pela memória, recepcionar o novo

pela fantasia, pela esperança, pela sacralização, pois é do sagrado que a palavra extrai o seu poder criador e operacional, e, segundo a tradição africana, tem uma relação direta com a manutenção da harmonia tanto no homem como no mundo que o envolve (DUARTE, 2009, p.187).

A importância da tradição oral para os povos negros não se restringe apenas a tempos antigos, essa tradição se mantém viva em todo o mundo se manifestando principalmente pela música. Um dos estilos musicais de maior popularidade atualmente é o rap, a palavra falada em forma de ritmos e rimas que nasceu na cultura negra com o objetivo de recontar histórias e resgatar a ancestralidade para aqueles que a perderam em meio a violências sofridas. O rap surge como forma de jovens negros dos Estados Unidos denunciar suas mazelas e ao mesmo tempo criar um ritmo próprio que propicia lazer em meio a uma vida tão dura. Não é descabido afirmar que a tradição oral africana está diretamente relacionada com o que hoje conhecemos como hip hop, desde a letra falada até os ritmos e danças que resgatam movimentos africanos originários.

## O Gênero Épico

O gênero Épico, de acordo com Anatol Rosenfeld em *O Teatro Épico*, é aquele que narra outros seres e participa de seus destinos, porém sempre através da narração é o narrador que permite que os personagens falem. Nesse gênero não é rara a presença de um herói na história. “Se nos é contada uma estória (em versos ou em prosa), sabemos que se trata de Épica, do gênero narrativo. Espécies deste gênero seriam, por exemplo, a epopéia, o romance, a novela, o conto.” (ROSENFELD, 1985, p.17)

Na literatura oral há registro de diversas obras que utilizam da imagem do herói para manutenção dos valores sociais. O herói é uma espécie de representante, alguém que fala pelo povo, que luta por algo. De acordo com o Dicionário Online de Português, herói é aquele que:

herói  
Nome dado pelos gregos aos grandes homens divinizados.  
Aquele que se distingue por seu valor ou por suas ações extraordinárias, principalmente por feitos brilhantes durante a guerra.  
[Literatura] Principal personagem de uma obra literária (poema, romance, peça de teatro etc.) ou cinematográfica; protagonista.  
[Por Extensão] Principal personagem de uma aventura, de um acontecimento.  
[Mitologia] Quem é filho de um deus e um humano; semideus.  
Pessoa que se destaca em relação aos demais.  
Aquele que é condecorado por suas ações corajosas, pelo seu caráter magnânimo, por comportamentos altruístas.  
Quem é capaz de suportar situações adversas sem se abater.  
Etimologia (origem da palavra *herói*). Do grego heros.oo; pelo latim heros.óis.  
(HERÓI, s.d., n.p)

Ou seja, o herói é aquele que supera todas as dificuldades, estabelecendo um exemplo para um grupo de pessoas que podem ou não se beneficiar da benevolência dele, mas que, independentemente disso, o reconhecem como tal.

Homero é o escritor épico mais antigo de que se tem notícia, suas obras *Iliada* e *Odisséia* - mundialmente conhecidas e estudadas até os tempos contemporâneos - são o principal exemplo do gênero.

A *Iliada* é um poema épico que narra determinados eventos ocorridos com o herói Aquiles e em torno dele durante a Guerra de Tróia. A *Odisséia*, por sua vez, narra a história de Ulisses, que depois de passar 10 anos na Guerra de Troia, leva mais 17 anos para voltar para casa, passando por muitas aventuras no caminho. Os dois poemas possuem as características básicas do gênero: narrador (onisciente, observador ou personagem), personagens (planas ou redondas), enredo (trama), tempo (cronológico ou psicológico) e espaço (local ou locais onde a ação transcorre).

É interessante ressaltar que as duas obras extremamente consagradas não são pontos de origem para esse tipo de narrativa, é preciso depreender de senso crítico para entender que narrações orais, por muitas vezes, também possuíam esses atributos. Porém, como a sobrevivência de tradições orais depende da sobrevivência de um povo que tenha condições de propagar sua cultura, povos que sofreram com movimentos diaspóricos consequentemente perderam suas tradições e suas narrativas.

Esses traços das narrativas épicas são percebidas em um gênero muito distante e distinto dos clássicos citados, o rap. O rap é um gênero musical que significa “ritmo e poesia”, ou seja, tem como principal característica o discurso rítmico. Surgiu nos Estados Unidos na década dos anos 1970 e se espalhou pela população afro-descendente por meio da presença dos Mestres de Cerimônia (Mc’s) que até então se encarregavam de animar a multidão com rimas e ritmos antes da entrada do DJ que comandava os bailes, e assim foi surgindo o que conhecemos por rap.

O gênero surge na comunidade afro-descendente dos Estados Unidos, portanto, é natural que tenha características originárias africanas como ritmos e até a contação de história. É necessário entender que o rap surge como uma forma de resgate cultural bem como um registro social de irmandade e união daqueles que sofreram com a diáspora africana. Portanto, as letras são marcadas por relatos do dia a dia bem como por ritmos dançantes que serviriam como conscientização e registro histórico, mas também como entretenimento para aquele povo deixado às margens. O rap é uma tradição oral em que, ao

contrário de muitas outras - principalmente as que são passadas de gerações por gerações -, o apresentador não é um mero interprete, a imagem do narrador se funde com a do autor, Zibordi (2013) aborda essa diferença.

A diferença de técnicas e resultados nas músicas e letras nos parece clara: a “base musical” (conforme expressão dos praticantes) é construída a partir da reunião de trechos de outras músicas, destacando partes instrumentais sobre as quais canta o rapper ou mc (“mestre de cerimônia”). Porém, se a sonoridade resulta de paródias (SANT’ANNA: 1991, p. 27) ou colagens, elidindo a noção de narrador supremo, comandante geral da narrativa, as letras de rap, ao contrário, são quase sempre escritas por quem irá cantá-las, retomando características tradicionais da narrativa épica versificada, em geral com voz condutora autoritária reforçando a noção de autoria praticamente no sentido de fundir autor e narrador. (ZIBORDI, 2013, p.91)

No Brasil, o rap só surge por volta da segunda metade dos anos 1980, na cidade de São Paulo e não é bem visto socialmente devido ao seu lugar de origem e aos temas tratados pelas letras. Apenas nos anos 90 o ritmo teve ascensão no país com artistas como Dj Hum e Thaíde, Racionais Mc’s, Planet Hemp, Pavilhão 9, Detentos do Rap, entre outros.

Mas como que o surgimento do rap e dos Mc’s tem relação com gênero épico? Ora, como vimos, a característica principal do gênero de Odisseia e Ilíada é a presença de um representante, um herói, na cultura do rap o MC é uma espécie de representante de onde vem, da periferia e do lugar onde cresceu. O Mestre de Cerimônia se denomina como alguém que tem voz para falar por aqueles que não são ouvidos e seu público alvo, muitas vezes - principalmente na origem do rap - são aqueles da comunidade da qual este representante faz parte. Assim como César MC, em sua participação no Favela Vive 4, relata: “Ainda que eu morra, eu vou denunciar/ Até meu último suspiro por aqueles que não podem respirar” (2021). Sobre essa relação, Zibordi (2013) prossegue:

Importante salientar como traço épico o fato de os narradores serem comprometidos com as ações que narram. Segundo Hegel (p. 95), “o poeta autenticamente épico permanece, não obstante, inteiramente familiar em seu mundo, tanto no que se refere às potências, às paixões e fins universais, que se mostram eficazes no interior dos indivíduos, quanto no que se refere a todos os lados exteriores da autonomia do criar.” (ZIBORDI, 2013, p.94)

Retornando a quarta definição apresentada pelo Dicionário Online de Português, herói é aquele que é capaz de suportar de forma exemplar os infortúnios e sofrimentos da vida. O Mestre de Cerimônia desempenha esse papel para seu povo, ele foi eleito como representante e por isso luta por si e pelo social, por todos que vieram anteriormente e por todos que virão, assim como é retratado na terceira faixa do álbum “Icarus”, lançado em 2022, pelo rapper BK, intitulada “Continuação de um sonho”:

Se acertar fez a obrigação, se errar vão crucificar  
Ele não pode errar  
É assim comigo o tempo todo  
Não dar meu máximo é jogar meu dom no lixo

Sou liberdade não me bote em nenhum nicho  
Tão racionais eu sou a flor que veio do  
Banho de mar é salvação, não é capricho  
Eu fui até onde achavam escuro  
Levantei uns da minha cor, Não fiz a causa de escudo  
Eu fui além do discurso  
Mas se um se levantar e mudar sua jornada  
Valeu a batalha (BK, 2022)

A letra da faixa representa um comum relato dos rappers e Mc's que pelas oportunidades a eles concedidas, são colocados como heróis, aqueles que sobreviveram e que utilizaram essa oportunidade para gritar as dores daqueles que por diversos motivos não tiveram a mesma chance.

Racionais Mc's, grupo formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay é um exemplo claro dessa representação do povo, assim como é relatado no documentário "Racionais: Das Ruas de São Paulo para o Mundo", eles foram um grupo de amigos que devido aos acontecimentos da vida tiveram a sorte da sobrevivência e oportunidades de se tornarem "heróis" através da poesia oral. "Diário de um Detento", canção de grande popularidade do álbum "Sobrevivendo ao Inferno", é um exemplo em que a narrativa épica fica evidente na contação de história que tem início, meio e fim, espaço e tempo bem demarcados, exemplificando bem essa tendência narrativa épica que ainda hoje é presente nos raps contemporâneos.

Mano Brown é reconhecido como um dos maiores contadores de história do meio musical e principalmente do rap. "Diário de um Detento" é um conto épico em forma de ritmo e rimas. A canção inicia com contextualização de lugar e tempo em que passa a narrativa que se desenrola nos 7 minutos e 31 segundos de música que relata e denuncia a desumanização dos presidiários, bem como reconta a tragédia que ocorreu no Carandiru, prisão brasileira que sofreu um massacre que matou dezenas de presos. A música escrita por Mano Brown e Josemir Prado - um dos sobreviventes do massacre - se constrói na diferença entre o lado de fora e o lado de dentro, sobre como mesmo antes do terrível acontecimento, os presos morriam de descaso.

O rap possui essa característica de denúncia que é feita através desses heróis denominados MCs. Projetos como "Favela Vive" são de grandes destaques por reunir diversos rappers que, de formas distintas, relatam, denunciam e narram os problemas enfrentados por eles e por seus iguais que vivem nas favelas.

Dessa forma, seguindo a linhagem dos Racionais Mc's, Dj Hum e Thaíde, Planet Hemp, Facção Central, MV Bill etc., teremos o rap no Brasil do começo dos anos 2000, formado, entre muitos outros, por grandes nomes, como: Sabotage, Quinto Andar, Criolo,

Rashid e Emicida - considerado uma das maiores revelações do rap da primeira década dos anos 2000.

Nesse momento, percebe-se a mudança de ritmos que o rap passava, havia claras e fortes influências daqueles que se consagraram nas décadas de 80 e 90 porém o ritmo do rap sofreu mudanças, trazendo influências de outros estilos musicais incorporados nas rimas. O grupo Quinto Andar, por exemplo, incorporou a suas batidas componentes do gênero jazz, destoando da tradicional batida do hip hop, porém sem mudar o foco da narrativa que se manteve no posto de falar por aqueles que não são ouvidos.

### **Análises**

Como vimos, a literatura oral é muito potente e inspira ação. A respeito de sua importância, Paul Zumthor em seu texto *Introdução à Poesia Oral* discorre:

Desde seu jorrar inicial, a poesia aspira, como a um propósito ideal, a se depurar das limitações semânticas, a sair da linguagem, ao alcance da plenitude, onde tudo que não seja simples presença será abolido, A escrita reprime ou esconde essa aspiração. A poesia oral, ao contrário, acolhe seus fantasmas e tenta lhes dar forma, daí os procedimentos universais de uma ruptura do discurso, frases absurdas, repetições acumuladas até o esgotamento do sentido, sequências fônicas não lexicais, puros vocalises. A motivação cultural varia, o efeito permanece. (ZUMTHOR, 1997, p. 169)

A literatura oral e o gênero épico se mantém vivo no rap, trazendo a ligação direta com a tradição oral africana bem como os ritmos e danças que são heranças daqueles que sofreram com movimentos diaspóricos. Para exemplificar o que vimos até o momento e sob a justificativa apresentada para a escolha dos álbuns a serem analisados, passaremos a analisá-los.

*O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui* foi o segundo álbum do rapper e escritor Leandro Roque de Oliveira, conhecido como Emicida. Lançado em agosto de 2013, o álbum é o segundo disco do cantor, que teve suas origens nas batalhas de rap em que o gênero vigente é o improviso. Como, então, traduzir suas rimas para um trabalho completo, pensado e planejado? No site de sua gravadora, LabFantasma, o Mc fala sobre o processo de produção do álbum:

A resposta, talvez, esteja na oportunidade de criar baseado 100% na poesia, direcionar a produção de acordo com as rimas, construir passagem por passagem para chegar a um resultado ideal em conjunto, coisa que muitas vezes não havia sido possível, pela forma amadora como fizemos os trabalhos anteriores. O critério sempre foi: “Vamos fazer um álbum de música brasileira contemporânea em que o sentido será dado pela música falada, o rap”. (EMICIDA, 2023)



Emicida prioriza a poesia e a ligação com música brasileira contemporânea nesse álbum e para isso conta com diversas participações de outros artistas, como: Rael, Pitty, Ogi, Fabiana Cozza, Juçara Marçal, Wilson das Neves, Dona Jacira, Quinteto em Branco e Preto, Rafa Kabelo, Tulipa Ruiz, MC Guimê, entre outros.

O álbum tem como característica geral o relato de experiências pessoais que são comuns à população negra e principalmente dos que moram na favela, porém sempre trazendo uma mensagem de esperança. Através de 14 faixas denominadas: Milionário do Sonho, Levanta e Anda, Nóiz, Zóião, Crisântemo, Sol de Giz e Cera, Hoje Cedo, Trepadeira, Bang!, Gueto, Hino Vira-Lata, Alma Gêmea, Samba do Fim do Mundo e Ubuntu Fristili.

O álbum inicia com a faixa “Milionário do Sonho” composta por 23 versos recitados por Emicida e Elisa Lucinda - atriz, poetisa, escritora e cantora brasileira -, em que o ritmo se dá através da fala, não há nenhum componente instrumental na faixa, apenas voz e rimas que introduzem esse indivíduo “milionário do sonho”.

“É difícil pra um menino brasileiro/Sem consideração da sociedade/Crescer um homem inteiro/Muito mais do que metade” são os versos que apresenta o personagem do álbum, um brasileiro que não têm a consideração da sociedade e as dificuldades que lhe são impostas devido a essa desvalorização. A faixa e o álbum falam sobre a vivência do indivíduo negro, trazendo experiências pessoais e também uma mensagem de esperança, representada nos versos “Há sempre um mundo pra gente fazer/Um mundo não acabado/Um mundo filho nosso, com a nossa cara/O mundo que eu disponho agora foi criado por mim”. Os aspectos do gênero épico são percebidos pela narrativa que dá vida a esse personagem que sofre com o descaso social e que por isso deve investir em si, se tornar o protagonista da própria história.

A segunda faixa chamada “Levanta e Anda”, que conta com a participação do cantor Rael, é o rapper Emicida assumindo seu papel de representante do povo, assim como fica evidente nos trechos “Pondo pontos finais na dor, como doril, anador” e “Quem costuma vir de onde eu sou/ Às vezes não tem motivos pra seguir/ Então levanta e anda, vai” (EMICIDA, 2013). Ou seja, com sua voz, suas rimas e sua poesia, Emicida coloca ponto final na dor de seus conterrâneos.

O aspecto narrativo épico pode ser percebido de maneira mais clara na faixa Crisântemo com participação da Dona Jacira em que há progressão da história do personagem que culmina em sua morte. A canção, através de uma narração detalhada em terceira pessoa, resume a vida do personagem não querendo retratar individualmente ele, mas buscando representar os diversos indivíduos que compartilham de experiências semelhantes.

Para possibilitar a identificação do gênero na canção, é necessário entender o que é uma narrativa épica. Anatol Rosenfeld explica:

O gênero épico é mais objetivo que o lírico. O mundo objetivo (naturalmente imaginário), com suas paisagens, cidades e personagens (envolvidas em certas situações), emancipa-se em larga medida da subjetividade do narrador. Este geralmente não exprime os próprios estados de alma, mas narra os de outros seres. Participa, contudo, em maior ou menor grau, dos seus destinos e está sempre presente através do ato de narrar. Mesmo quando os próprios personagens começam a dialogar em voz direta é ainda o narrador que lhes dá a palavra, lhe descreve as reações e indica quem fala, através de observações como “disse João”, “exclamou Maria quase aos gritos”, etc. (p.24)

Michel Dias Costa, conhecido como Rashid, é um rapper e produtor brasileiro autor de diversos álbuns. Seu álbum mais recente, de 2022, intitulado “Movimento Rápido dos Olhos” vem com uma nova proposta por juntar referências da cultura japonesa com a presença de animação que acompanha as faixas bem como uma narrativa que acontece entre uma música e outra contando a história de um guerreiro que teve sua vila destruída e, sendo um dos únicos sobreviventes, sai em uma jornada a procura de outros guerreiros que queiram lutar contra aqueles que dizimaram seu povo e sua terra. Sobre suas inspirações ao produzir o álbum, Rashid, em sua entrevista para o site Omelete, diz:

“Foi inspirado em tanta coisa. A real é que animação foi um segundo passo. A história foi inspirada em algumas coisas que adoro, como, obviamente, a cultura samurai, mas nosso samurai não é nem necessariamente oriental. Mas eu definiria como um filme do Akira Kurosawa em um cenário de Bacurau”, afirma Rashid. (RASHID, 2022)

Dessa forma, “Movimento Rápido dos Olhos” carrega referências épicas não apenas nas canções mas também em toda a animação que acompanha o projeto. O álbum inicia com a faixa “Oráculo” em que consiste em uma narração musicalizada que dá início a jornada do guerreiro. A segunda faixa, “Deixai Toda Esperança”, relata a história de quem se ergueu vindo da escassez, tema recorrente no gênero rap que busca mostrar, por meio da narrativa, para as pessoas marginalizadas que é possível se erguer mesmo que suas origens não te proporcionem uma jornada sem lutas. Na animação, essa faixa condiz com o momento em que a vila é atacada pelos Patriotas, interessante ressaltar que a narração da história visual faz parte da canção original, reforçando a relação intersemiótica construída entre as duas.

### **Figura 1 - Deixai toda esperança**



Fonte: YouTube, 2023

O álbum tem como tema narrativas que evidenciam a vivência negra e marginalizada, reforçando como as histórias de vida dos envolvidos se desenvolvem e trazendo uma mensagem de esperança. Esse aspecto coletivo fica claro em passagens como a que ocorre em “Um Brinde a Todos que se Foram”.

Um por um os conhecidos vão tomando seu rumo  
A vida ensina, siga em frente, fui péssimo aluno  
(Pensando bem) quanto talento rendido pro vício?  
(Que desperdício) aqui na área acontece muito disso  
Gente que tinha um brilho de tirar o foco da lente  
Só teve a chance de virar uma estrela decadente  
A vida é injusta e louca, ao mesmo tempo é bela  
Quando vê, escorregou pelos seus dedos  
Frágil como a sua tela  
Trago cada um comigo, é a grandeza disso aqui  
E onde quer que eu pise, nunca vai ser só Rashid ali (RASHID, 2022)

A última frase do texto destacado resume o álbum, de certa forma o gênero rap e também relacionada com o aspecto épico das narrativas. Rashid afirma que por ser quem é, onde ele for, não será apenas ele, assim como o guerreiro na animação e o guerreiro tão comum às narrativas épicas, Rashid representa “os seus”, aqueles que se identificam com ele mas que não tiveram suas vozes ouvidas assim como o cantor tem a oportunidade de ser.

Os dois álbuns possuem temáticas parecidas apesar de quase uma década separarem seus lançamentos, por esse motivo e por suas evidentes características épicas, “Movimento Rápido dos Olhos” e “O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui” foram escolhidos como objeto de estudo do projeto.

Passaremos agora a análise minuciosa de duas músicas, uma de cada álbum, que possibilitará uma visão ampla do que foi falado até então no artigo. As músicas escolhidas foram “Um Brinde a Todos que se Foram”, de Rashid, e “Crisântemo”, de Emicida.

“Um brinde a todos que se foram” é uma canção que tem como tema a homenagem e respeito àqueles que já se foram, bem como a comemoração daqueles que ficaram. No contexto do álbum, da música e do gênero musical, pode-se presumir que os que se foram se refere aqueles que morreram muito cedo por diversos fatores denunciados ao longo da faixa como o abandono do estado, a falta de perspectiva e a violência policial. Os primeiros versos estabelecem essa relação oposta de vida e morte.

Entregue flores pra quem ama quando  
Ainda puderem sentir seu aroma perfumando  
Puderem ver sua delicadeza enfeitando  
E pouco a pouco a sua beleza desmanchando  
É só a natureza demonstrando  
Que tudo passa e não importa o quanto  
O ser humano faça que é malandro (RASHID, 2022)

O compositor comenta sobre a impotência humana sobre o curso natural da vida, apesar das vontades individuais, o momento é passageiro e a vida passa, “somos a criança olhando da janela do quarto” (RASHID, 2022). E nessa correria da vida, Rashid destaca como “nóis não prosperava mesmo com geral dando o sangue” (RASHID, 2022) esse “nóis” significa aqueles que se identificam com ele, que fazem parte de seu mundo, da sua terra, que compartilha das mesmas vivências, Rashid não fala apenas por si mas denuncia as dificuldades por aqueles que lutam e não são recompensados por seus esforços e essa identificação com “os seus” acontece quando ele descreve sua realidade com a qual muitos conseguem se reconhecer. Momentos descritivos como os versos “Quando meu irmão nasceu nós quatro morava num quarto/ O peito era farto de amor/O sonho era aquelas caixona de lápis de cor/Minha tia limpando o quintal, ouvindo um pagode” (RASHID, 2022) ambientam o ouvinte que passam a compreender o recorte que o cantor faz.

Isso era 90 e tal, respeita o bigode  
Que o seu ainda é de Toddy  
Ouvia as história, fulano foi preso  
Ciclano tá fazendo as fita agora, sentia o peso  
Um por um os conhecido vão tomando seu rumo  
A vida ensina, siga em frente, fui péssimo aluno  
quanto talento rendido pro vício?  
(Que desperdício) aqui na área acontece muito disso  
Gente que tinha um brilho de tirar o foco da lente  
Só teve a chance de virar uma estrela decadente (RASHID, 2022)

Nestes versos, o Mc relata como a falta de oportunidade, o problema estrutural causado pelas drogas faz com que muitos talentos sejam desperdiçados e rouba o brilho de quem tinha potencial para ter uma vida brilhante. Os relatos contidos nos versos além de denunciar o descaso com as pessoas periféricas é um grande relato autobiográfico do rapper Rashid que se coloca nesse cenário, ele, pessoalmente, assistiu pessoas que só tiveram a chance de virar uma “estrela decadente” (RASHID, 2022). Ele prossegue colocando em oposição às características do que seria a vida: é injusta e louca mas ao mesmo tempo é bela e frágil.

A respeito desse aspecto autobiográfico, nos versos que se seguem, Rashid deixa claro que a faixa não independe dele como indivíduo, ele não é apenas um intérprete, é o compositor e o relatado é sua vivência. “Trago cada um comigo, é a grandeza disso aqui/E onde quer que eu pise, nunca vai ser só o Rashid ali” (RASHID, 2022) Rashid traz para si a responsabilidade de representar, os Mestres de Cerimônia não são apenas objeto de representação para o seus, a recíproca é verdadeira, para os de fora, eles carregam o peso da representação de entender que onde quer que eles estejam, eles foram eleitos para falar por quem nunca é ouvido. Essa grande responsabilidade colocada em um indivíduo, a narração da história na faixa que possui contextualização, espaço e tempo são aspectos que comprovam a influência do gênero épico no rap. Ruth Finnegan diz sobre características do gênero: “Fará parte da Épica toda obra - poema ou não - de extensão maior, em que um narrador apresentar personagens envolvidos em situações e eventos.” (FINNEGAN, 2006, p.17)

Um brinde a todos que se foram  
E também proponho aqui um brinde aos que ficaram  
Sobreviventes somos como os boys jamais serão  
As chances que eram poucas logo se multiplicaram  
Difícil pra um cara do coração bom ser rei  
Me identifico com T'Challa e com Mandela  
Trago feridas que não foram abertas no meu eu  
Isso que dá, coração mole, a vida me endureceu (RASHID, 2022)

No refrão, o compositor propõe um brinde em respeito a todos que se foram e também em comemoração a todas as vidas que permaneceram, afinal, sobreviveram a situações e a vida injusta, precisando enfrentar adversidades que os “boys” - jovens que possuem muito dinheiro e se vangloriam por isso - jamais terão. Esse verso reforça a ideia de eles x nós, Rashid é representante da periferia e nesse momento ele estabelece de forma clara essa oposição entre as duas partes.

Assim como tem sido falado durante toda a canção, Rashid se coloca como rei, um rei de coração bom se identificando com o personagem T'Challa do filme Pantera Negra, produzido pela Marvel, que tem como tema um reino oculto extremamente rico e tecnológico ocupado por pessoas negras e que seu rei tinha como principal característica sua benevolência para com os seus bem como a vontade de unificar o mundo. A outra comparação é a figura atualmente respeitada e aclamada, o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela. Mandela foi vítima de diversas acusações em sua época, acusado de terrorismo e de ser comunista, foi caçado por diversas lideranças globais, porém, o ex-presidente foi peça essencial para a diminuição da segregação bem como a luta dos direitos das pessoas negras e marginalizadas. Rashid se identificar com os dois reis estabelece seu lugar sociorracial e deixa claro a forma que ele se sente ao representar seu povo, se sente como um rei que possui diversas responsabilidades e que não pode se dar ao luxo de pensar apenas em si, tudo que ele faz nunca é só por ele, assim como um rei ele não carrega apenas suas dores ou mazelas, mas traz também “feridas que não foram abertas no meu eu” (RASHID, 2022).

Ser o representante do lugar que veio é um papel muito marcado na vida dos Mestres de Cerimônias, portanto é citado o peso de sua responsabilidade em diversas produções de raps de diversos cantores. No contexto da canção em análise, Rashid assume seu papel de representante ao citar o próprio nome na letra afirmando que em todo lugar que ele pise, nunca falará apenas por si. Nos versos que sucedem ele novamente se coloca como responsável. “Os parceiro perdido, dor que eu não soube curar/ Sonharam junto, só que não puderam realizar” (RASHID, 2022), o compositor não é apenas um representante, mas também alguém capaz de curar, de diminuir a distância entre sonhos e realizações. Porém essa busca e esse caminho é solitário, pois apesar de reconhecer que sua vida, sucesso e muitas vezes êxodo do lugar que nasceu o distancia daquelas circunstâncias e pessoas que são temas de suas canções. Nesse aspecto, o compositor demonstra melancolia por aqueles que deixou para trás.

O passado é mato, o tempo toca o barco, isso é fato  
E eu penso nos amigos que eu já perdi contato  
Como será que 'tão? Firmão? Tomara que sim  
Será que ouvem meu som? Será que têm orgulho de mim?  
De vez em quando eu passo lá 8 ou lá em Alvim  
Fico olhando a rua e lembro de nós pivetin'  
Tanto os muro que nós pulava, quantos tombo que tomou  
O quanto daquilo ainda resta no que a gente se tornou?(RASHID, 2022)

Por fim, ao final da canção, assim como em várias outras faixas do álbum, o áudio dá continuidade à concomitante história que está sendo contada por meio das animações, esse é

o momento em que nosso protagonista se questiona sobre o que aconteceu e tem seu primeiro encontro com um personagem recorrente na história, a consciência do herói que o culpa por não fazer nada por seu povo. Esse herói refuta sua própria consciência, que o culpa por continuar vivo, porém ele entende que continuar vivo é ter a oportunidade de vingança. Essa narração tem relação com o tema da música de contraposição de morte e vida e da utilidade que o Mc encontra em si por continuar vivo mesmo vendo amigos e familiares serem vítimas do sistema de diversas formas, até mesmo com a própria vida. “Vivo ainda tenho chance de fazer algo” (RASHID, 2022)

O tema vida e morte também é presente em Crisântemo, a quinta faixa do álbum “O Glorioso Retorno de quem Nunca Esteve aqui” em que, na voz de Emicida, conhecemos um personagem que tem sua vida descrita ao longo dos 5 minutos e 16 segundos que dura a canção. O nome da música chama atenção e serve como um preâmbulo para seu tema. Crisântemo é o nome de uma flor de origem asiática que simboliza felicidade, perfeição, sinceridade e vida completa. Essa flor é comumente utilizada em velórios.

Ele bebeu, bebeu, tipo vencedor  
E depois riu, riu, como Bira do Jô  
Cumprimentô todo mundo a la vereador  
E subiu o morro estilo viatura  
Ele nos deu, nos deu, toda fé de um pastor (EMICIDA, 2013)

A faixa começa com a repetição de versos que remete a rotina repetitiva da vida do personagem. Esse personagem que é construído estabelece uma representação dos que compartilham com o Mc das mesmas origens, trata de uma história individual mas que também é coletiva. Os aspectos que se pode ressaltar é alguém religioso que gosta de beber e rir, é amigo de todos e morador do morro, um indivíduo familiar para todos. Com essa generalização e descrição de características típicas a pessoas moradoras das favelas, ele provoca no ouvinte a identificação com o narrado.

Descrevendo a rotina desse homem e utilizando a primeira pessoa do plural para tal, o Mc estabelece uma relação pessoal de si com a música, relação que se confirma com o final da canção. Relação essa que é esperada das letras de rap.

Depois sumiu, sumiu, deixando só a dor  
Ignorou o aviso devagar com o andor  
E flertou por sobre a vida dura  
Trafegou aéreo, dançou sério, pala  
Serpente rasteja, credo, pobre mestre sala  
Cigarro no bolso, barro, Für Elise embala  
No solo onde impera, qualquer bonde é vala (EMICIDA, 2013)

Nessas primeiras estrofes, conhecemos esse homem que em entrevista sobre o álbum, Emicida diz se tratar de seu pai, Miguel, que se tornou alcoólatra após as repetidas frustrações dele no mundo da música, e morre em uma briga de bar ao cair na calçada, bater a cabeça e sofrer um traumatismo craniano. Nesse momento os pais de Emicida não moravam mais juntos, por isso o verso “Depois sumiu, sumiu, deixando só a dor” (EMICIDA, 2023).

O cantor traz referências de bebidas e da fragilidade da vida durante toda a canção, como na terceira estrofe em que diz que o que resta é apenas tomar outro drink pois sua “viagem Amyr Klink” está para acontecer. Amyr Klink é um navegador e escritor brasileiro conhecido por fazer viagens marítimas solitariamente, assim como Emicida insinua que seu pai também fará uma travessia sozinho e tão rápido que não haverá tempo de se despedir.

E a vida é só um detalhe  
A vida é só um detalhe  
A vida é só um detalhe  
A vida é só um detalhe  
É tudo, é nada, é um jogo que mata  
É uma cilada (EMICIDA, 2013)

Assim como Rashid relata em “Um brinde a todos que se foram”, aqui Emicida também fala sobre a fragilidade da vida e a impotência humana diante dela. Nas sucessivas estrofes ele prossegue narrando o curso da vida que “Padeceu, desceu, como na seca, flor” mas seguiram a vida enfrentando adversidades de precisar morar de favor em condições precárias, dividindo o mesmo lugar com ratos, bichos, mofo e odor, enquanto lidava com a fome física e a fome emocional da falta do afeto e da saudades que se foram com o abandono do pai.

Vida, morte, números, de neguinho  
Aqui é cada um com a sua coroa de espinhos  
Me diz, qual a sua droga? TV, erva?  
Unh? Qual a sua droga? Solidão, cervã?  
Onde você se esconde? Onde se eleva ein?  
O que é seu, em terra de ninguém? (EMICIDA, 2013)

Nessa passagem, o Mc faz uma comparação com Jesus e sua coroa de espinhos, dizendo que todos na favela tem seu próprio algoz que aqui ele chama de droga, questionando qual o lugar dessas pessoas jogadas às margens sociais e refletindo acerca dos males que os atingem e todos aqueles que eles amam, assim como acontece com Miguel e vários outros Miguels que ainda existem e vão existir. “A vida é só um detalhe / É tudo, é nada, é um jogo que mata” (EMICIDA, 2013) a vida é um jogo que não tem possibilidade de não ser jogada porém, muitas vezes, ela cria suas próprias regras e obstáculos deixando os homens a mercê de seu próprio destino.



A faixa finaliza com o depoimento de Dona Jacira, mãe de Emicida que relata o dia em que ficou sabendo da morte de Miguel, pai de seus filhos, e depreende de reflexões acerca do que significou essa perda para ela que também cresceu sem pai e que agora assistiria seus filhos passarem pela mesma situação, e fala sobre as dificuldades que isso traria a ela e às crianças. E, ela finaliza seu relato com uma descrição vívida do que é a saudade de alguém que se foi.

O tempo foi encaixando tudo  
Os pertences dele sempre no mesmo lugar  
O velho chinelo abandonado respondem, ele não vai voltar  
Os dias são escuros mesmo com sol quente  
O silêncio de Miguelzinho cala cada vez mais fundo no peito da gente  
Quando o pai morre, a gente perde a mãe também  
Eu já sabia o que era isso (EMICIDA, 2013)

Esses aspectos extramusicais nas duas canções analisadas - a animação e o depoimento da Dona Jacira - além de reforçar o aspecto autobiográfico tão caro ao gênero rap, ainda reforça a característica narrativa do épico, ambos narram além da própria canção.

## **Conclusão**

O gênero consagrado por *Iliada* e *Odisséia* escritas em séculos antes de Cristo mudou, inevitavelmente, as formas de narração que hoje dividimos entre lírica, dramática e épica. Porém, ressalta-se que perceber os traços épicos não apaga o lírico que perpassa as letras, mas sim objetiva apenas a percepção das multiplicidades das obras e não sua caracterização. Identificá-la em um gênero externo à literatura que envolve ritmo e uma rica contextualização histórica é valorizar e compreender a complexidade do rap desde sua origem à contemporaneidade, é desmistificar a ultrapassada ideia de uma literatura superior a outra, fazendo o trabalho de revisão do cânone pois possibilita que reconheçamos a genialidade das produções que provavelmente demorarão a serem reconhecidas como clássicas mas que como vimos no artigo, possuem complexidade e importância suficiente para tal.

## **Bibliografia**

AMARELO - É TUDO PRA ONTEM. Direção: Fred Ouro Preto. Brasil: Netflix, 2020.

DUARTE, Zuleide. **A Tradição Oral na África - Estudos de Sociologia**. 2009.

BINJA, Elias Justino Bartolomeu. **Tradição Oral em África: Valores, Movimentos e Resistência**. 2020

HERÓI. In: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/heroi/>>. Acesso em: 01 de nov. de 2023.

LABFANTASMA, 2023. O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui. Disponível em: <<http://www.labfantasma.com/o-grandioso-retorno-de-quem-nunca-esteve-aqui/>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

KLINGUER, Diana. Escritas de Si, Escritas do Outro. O Retorno do Autor e a Virada Etnográfica. 3ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

MILIONARIO DO SONHO. In: EMICIDA. **O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui**. São Paulo: LabFantasma, 2013.

OFICIAL, Rashid.Rashid feat. Macedo Bellini - **Deixai Toda Esperança (Audiodrama Oficial) [2/15]**. YouTube, 2022. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=WZwQJ\\_xDgv0](https://www.youtube.com/watch?v=WZwQJ_xDgv0)>

OLIVEIRA, Acauam Silvério. **O Fim da Canção? Racionais Mc's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro**. São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro. Literatura e música: união indissolúvel. | RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa - nº 37 - 2020.

OMELETE, 2023. **Rashid: Movimento Rápido dos Olhos é como "Kurosawa no cenário de Bacurau"**. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/musica/rashid-mro-entrevista>>. Acesso em: 04 de jun. de 2023.

RACIONAIS MC'S: DAS RUAS DE SÃO PAULO PARA O MUNDO. Direção: Juliana Vicente. Brasil: Netflix, 2022.

RAYMUNDO, Jackson. **Samba-enredo, a canção do desfile de escolas de samba: um gênero épico brasileiro**. Porto Alegre, 2011.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. 1ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?**. Civitas, Porto Alegre. v. 14. n.2. p. 272-284. maio-ago. 214.

UM BRINDE A TODOS QUE SE FORAM. In: RASHID. **Movimento Rápido dos Olhos**. São Paulo: Sony Music Entertainment, 2022.

QUEIROZ, Sônia. **A tradição oral**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.

ZIBORDI, Marcos. **A Narrativa e os Narradores Épicos do Rap**. São Paulo, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. 1ª ed. Minas Gerais: UFMG, 2010.